

REFLEXÕES DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL SOBRE A PRÁTICA DOCENTE A PARTIR DO OLHAR DA INSUBORDINAÇÃO

Arline Thomé da Silva - Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Brasil.

Renata Veiga - Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Brasil.

Luciane Mulazani dos Santos - Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, Brasil.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo apresentar para professores em formação inicial o conceito da Insubordinação Criativa e o trabalho com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, promovendo a reflexão desse documento norteador e a criação de estratégias insubordinadas no ensino de Matemática. O estudo foi realizado com acadêmicos do curso de Pedagogia na disciplina Matemática e Ensino da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Como percurso metodológico, optou-se pela pesquisa de abordagem qualitativa a partir da constituição de narrativas sobre as memórias dos estudantes das aulas de Matemática da Educação Básica. Os resultados da pesquisa evidenciaram o quanto essas memórias afetam a atuação profissional de professoras e professores e a necessidade de ressignificar a ação docente no ensino de Matemática, sendo a Insubordinação Criativa um caminho profícuo, visto que propõe a ruptura com o que está posto, de modo inovador e criativo. Neste processo, as ações insubordinadas também nos possibilitam atuar crítica e criativamente com relação a BNCC, de maneira a não permitir que o documento seja limitador da educação como um movimento de descoberta e encantamento.

Palavras-chave: Insubordinação criativa, Base Nacional Comum Curricular, Formação inicial de professores.

Introdução

É inegável o modo como a sociedade é atingida pelas mudanças que cada vez mais chegam celeremente, impactando-a, transformando-a. A educação também sofre com esses impactos, que por vezes chegam na forma de projetos e políticas públicas educacionais. Assim, temos que analisar e refletir sobre o papel da escola e do professor nesse contexto.

Para D'Ambrosio e Lopes (2015) é importante analisarmos as nossas práticas profissionais de forma crítica para entendermos qual é a prioridade de nossas ações.

Nesse sentido, estimular o processo de reflexão na formação inicial é importante para que essa atitude se torne rotineira na prática profissional, pois “[...] é no início da profissionalização, um período em que as virtudes, os vícios, as rotinas etc. são assumidos como processos usuais da profissão” (IMBERNÓN, 2011, p. 43). Tendo isso como base, propomos uma reflexão para além da prática docente, que “[...] atravessa as paredes da instituição para analisar todo o tipo de interesses subjacentes à educação, à realidade social, com o objetivo concreto de obter a emancipação das pessoas” (IMBERNÓN, 2011, p. 42).

Diante disso, este trabalho teve como objetivo apresentar para professores em formação inicial o conceito da Insubordinação Criativa e o trabalho com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, promovendo a reflexão desse documento norteador e a criação de estratégias insubordinadas no ensino de Matemática.

O diálogo com os acadêmicos partiu das suas memórias das aulas de Matemática da Educação Básica. Consideramos importante iniciar a dinâmica tendo como fio condutor as memórias dos estudantes, pois sabemos que elas constituem a identidade profissional, e é a partir do ato de reflexão que podemos construir e reconstruir a nossa identidade, transformando, dessa forma, a nossa prática profissional.

Homologada em dezembro de 2017, a Base Nacional Comum Curricular apresenta-se como um documento normativo que passa a configurar, a partir desta data, como um referencial educativo, pedagógico e curricular para toda a Educação Básica brasileira. Embora sua elaboração já fosse prevista desde a Constituição Federal de 1988, o processo de construção iniciado em 2015 foi permeado por muitas polêmicas que se estendem até os dias atuais e merecem especial atenção de professoras e professores.

Nesse sentido, de refletir sobre nossa prática e o que norteia nossas ações, tomamos como referência o olhar da Insubordinação Criativa, que é uma maneira de agir no exercício da profissão docente, de forma responsável e comprometida, para o pleno desenvolvimento e aprendizagem das crianças e adolescentes. As ações de insubordinação criativa, baseadas em princípios morais, éticos e solidários, buscam ultrapassar os desafios impostos no cotidiano profissional, tendo como foco, a criação de novas formas de trabalho docente que visem garantir o direito à educação dos educandos (D'AMBROSIO; LOPES, 2015).

Assim, este artigo constitui-se de um trabalho de natureza qualitativa. Os dados foram gerados a partir das narrativas dos estudantes do curso de Pedagogia na disciplina Matemática e Ensino da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, sobre suas memórias das aulas de Matemática da Educação Básica e das estratégias insubordinadas criadas pelos acadêmicos, em um movimento de reflexão sobre o processo de construção da identidade profissional. A análise dos dados ocorreu a partir da análise paradigmática de narrativa baseada nos estudos de Bolívar (2002).

Na análise dos dados foi possível perceber que as memórias das aulas de matemática relatadas pelos acadêmicos foram, em grande parte, negativas. A partir das narrativas e da discussão delas, os estudantes perceberam o quanto essas memórias ficam marcadas, podendo inclusive, afetar a sua atuação profissional. Dessa forma concluímos que, é necessário ressignificar o modo de ensinar Matemática e a Insubordinação Criativa traz essa possibilidade uma vez que propõe a ruptura com o preestabelecido e a criação de novas dinâmicas de trabalho. A Insubordinação Criativa possibilita ainda empreender uma postura crítica frente a BNCC, de modo que este documento não seja um limitador nem de professores, nem de crianças e alunos, desencadeando um movimento de descoberta e encantamento.

Metodologia

Este trabalho evidencia-se como uma pesquisa qualitativa, uma vez que se interessa pelo modo como os sujeitos envolvidos dão sentido às suas vivências, importando também como e porque constroem determinadas interpretações. Assim, “ao apreender as perspectivas dos participantes, a investigação qualitativa faz luz sobre a dinâmica interna das situações, dinâmica esta que é frequentemente invisível para o observador exterior” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 51).

Os dados da pesquisa foram gerados durante o estágio docência das autoras, alunas do Doutorado em Educação, da FAED/UDESC. A turma era composta por 22 alunos, da disciplina Matemática e Ensino do curso de Pedagogia.

Para tanto, no primeiro dia do estágio organizamos uma dinâmica diferenciada, com a organização das mesas e cadeiras em círculo para que todos pudessem se ver, e a disposição, no centro do círculo, de imagens que remetessem às aulas de Matemática. Foi solicitado que os alunos observassem as figuras e escolhessem uma delas. De posse das imagens, cada aluno

deveria rememorar algumas situações vivenciadas por ele durante as aulas de matemática, durante o seu percurso formativo na Educação Básica, e registrar estas passagens.

Estas memórias das aulas de Matemática foram socializadas por todos na roda, enquanto abordamos questões referentes à BNCC, como as competências gerais da Educação Básica, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento (Educação Infantil) e as habilidades e aprendizagens essenciais da área de Matemática (Ensino Fundamental).

D'Ambrosio e Lopes (2015), defendem que a acomodação profissional deve ser superada por cada um de nós, e motivada pela autorreflexão sobre os conhecimentos, crenças e expectativas que temos. Neste sentido, lançamos mão dos estudos sobre a Insubordinação Criativa, convidando o grupo a refletir sobre as memórias negativas que tinham sobre as aulas de matemática, propondo a criação de estratégias para a situação que viveram.

Dessa forma, nas aulas que se seguiram, solicitamos à turma que se dividissem em pequenos grupos, cada uma das equipes refletisse sobre as memórias e a apresentassem para a turma através de uma estratégia insubordinada, socializando suas reflexões de forma criativa e dinâmica. Segundo Mello (2000, p. 98), “ninguém facilita o desenvolvimento daquilo que não teve oportunidade de aprimorar em si mesmo”, assim, a partir das memórias do grupo buscamos trabalhar estratégias que promovessem a construção de aprendizagens significativas, a partir da componente matemática, da BNCC.

Todo o processo de discussão foi registrado através de fotografias, gravação de áudio e do registro escrito dos alunos, que autorizaram a utilização dos mesmos, através de formulário própria.

Para tanto, na análise dos dados utilizamos a análise paradigmática de narrativa, tendo como base a pesquisa de Silva (2014). Dessa forma, buscamos encontrar, em uma leitura atenta e cuidadosa, as convergências em cada narrativa. Seguimos o mesmo objetivo de Silva (2014) que foi a busca por “[...] identificar elementos significativos de cada um deles e entre eles todos, tomados em conjunto” (SILVA, 2014, p. 183).

Para Bolívar (2002) o modo paradigmático de análise de narrativa tem como objetivo encontrar aspectos e temas em comum, diferente da análise narrativa que busca os aspectos mais singulares apresentados e evidenciados em cada narrativa.

Assim, com base em uma análise paradigmática de narrativa buscamos criar o nosso texto narrativo, apresentando as evidências encontradas e o diálogo com o suporte teórico

deste estudo. Consideramos essa narrativa não como a única possível, mas aquela que conforme os nossos olhares e perspectivas buscam responder aos objetivos propostos.

A BNCC e a Insubordinação Criativa

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é o documento que define um rol de aprendizagens que crianças e alunos devem desenvolver ao longo de toda a Educação Básica, ou seja, da Educação Infantil ao Ensino Médio. De caráter normativo, a BNCC passa a ser referência nacional para a formulação dos currículos dos sistemas de ensino e das escolas de todo o país.

Embora a BNCC seja um documento recente cuja elaboração levou apenas dois anos, com início em 2015 e término em dezembro de 2017, com a aprovação do Conselho Nacional de Educação (CNE), fato este que causou polêmica, uma vez que tratava-se de um documento a nível nacional, a ideia de uma base nacional comum para a Educação Básica brasileira não era algo novo.

A BNCC já era prevista na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, onde no artigo 26 determina que

os currículos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (BRASIL, 1996).

Outro documento que também se referia a BNCC era o Plano Nacional de Educação, de 2014.

Ainda, vale informar que a BNCC teve outras duas versões anteriores à versão aprovada em 2017. Na ocasião, foi publicado o texto que se referia à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental, sendo publicado o texto referente ao Ensino Médio somente em 2018.

O documento se estrutura a partir de dois fundamentos pedagógicos: i) Foco no desenvolvimento de competências; ii) Compromisso com a educação integral, sendo que, em relação às competências, é enfático indicando que

as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber

fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho) (BRASIL, 2017, p. 13).

No que diz respeito a educação integral, o documento explicita que

a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva (BRASIL, 2017, p. 14).

Com a homologação da BNCC, coube às redes de ensino e escolas particulares a construção de seus currículos, tendo como pano de fundo o desenvolvimento de competências, direitos de aprendizagem e desenvolvimento e habilidades definidas no documento.

No entanto, embora ao longo da BNCC seja possível observar uma preocupação com uma aprendizagem de qualidade, com o desenvolvimento de atitudes e valores para resolver as demandas do dia a dia e exercer plenamente a cidadania, ele deixa transparecer também a preocupação com a preparação para o mundo do trabalho, os discursos de qualidade, as avaliações em larga escala e o ranqueamento, refletindo objetivos de uma agenda internacional para a educação.

Alguns outros pontos que se destacam na elaboração da BNCC são o fato de que a primeira versão foi escrita por professores convidados da Educação Básica e do Ensino Superior, porém, estes convidados foram, a cada nova versão, sendo trocados por um comitê do Ministério da Educação (MEC), do qual participavam instituições internacionais e nacionais privadas, confundindo o limite entre o público e o privado; a ausência de discussões que abarcassem a questão de gênero, sexualidade, racismo e inclusão; o fato de que a BNCC não teve o mesmo nível de discussão que os demais documentos norteadores da educação; o caráter reducionista em relação a assimilação de conteúdos descontextualizados, além de um currículo homogeneizado, que não considera as regionalidades.

Ainda assim, é inegável a importância de documentos norteadores, que estruturam os caminhos de professoras e professores na educação, e que orientam famílias e os próprios alunos no processo formativo. No entanto, todo e qualquer documento que trata da educação, não pode e não deve servir de manual, como que em uma linha de produção, antes disso, deve ser analisado, refletido de maneira crítica, afinal contribuirá com a formação de toda sociedade.

Neste sentido, D'Ambrósio e Lopes (2014) preconizam que professoras e professores precisam “provocar a criatividade e a ousadia de pensar diferente, com vistas a educar uma geração de pessoas que sejam capazes de reinventar, e não de se tornar réplicas de modelos postos e padronizados” (D'AMBROSIO; LOPES, 2014, p. 57).

A preocupação da garantia do pleno desenvolvimento e aprendizagem das crianças e estudantes é uma pauta da educação com um todo, e, de forma específica, do campo da Educação Matemática. As educadoras e pesquisadoras matemáticas Beatriz D'Ambrosio e Celi Lopes dialogam em suas pesquisas e estudos sobre a garantia do direito à educação, numa perspectiva crítica, emancipatória e responsável. Tendo em vista essas preocupações e buscando entender o papel dos professores nesse processo, em seus estudos, as educadoras apresentam o conceito da Insubordinação Criativa. De acordo com as autoras, os professores muitas vezes em suas práticas pedagógicas precisam ultrapassar certos desafios que advêm do trabalho docente. Essas atitudes são denominadas por elas como Insubordinação Criativa ou Subversão Responsável, sendo ações que demandam e requerem

[...] assumir posturas que se contrapõem ao que está posto e determinado, seja pelo cotidiano profissional, seja por diretrizes legais. Estas seriam atitudes subversivas que visam a ruptura com o preestabelecido, de forma a criar novas dinâmicas de trabalho (D'AMBROSIO; LOPES, 2015, p. 13).

Os movimentos realizados pelos professores que buscam caminhos para ultrapassar os desafios do cotidiano docente, das normas das instituições ou até mesmo das diretrizes legais, são ações que vão contra ao que está imposto, sendo que é um “[...] desafio à autoridade estabelecida, quando esta se contrapõe ao bem do outro, mesmo que não intencional por meio de determinações incoerentes, excludentes e/ou discriminatórias” (D'AMBROSIO; LOPES, 2014, p. 19).

Para D'Ambrosio e Lopes (2015) as ações de Insubordinação Criativa se sustentam em bases éticas e morais. Dessa forma, agir de modo insubordinada é estar em concordância com a principal função da profissão docente, que é a garantia do bem-estar e o pleno desenvolvimento das crianças e estudantes. Para D'Ambrosio (2015) quando o professor promove ações de Insubordinação Criativa, em sua prática pedagógica, ele está ao mesmo tempo tendo uma atitude política, uma vez que está agindo em favor da aprendizagem do educando. O risco que o docente assume, indo contra ao que está sendo determinado, de forma criativa e inovadora é pensando no bem-estar dos educandos.

Resultados e discussão

Com base na análise das narrativas, percebemos elementos em comum entre os fatos vivenciados pelos estudantes na Educação Básica, referentes às aulas de Matemática. O movimento de reflexão, a partir das memórias, é um processo importante para a construção da identidade profissional. Para D'Ambrosio e Lopes (2014, p. 42) “a profissão professor se constitui em uma atividade profissional que requer vivências, as quais, quando refletidas, se tornam experiências a serem estruturadoras de sua identidade profissional [...]”.

Um dos principais pontos evidenciados foi a memória da Matemática como sinônimo de medo. Essa apreensão foi percebida em diferentes aspectos, como: do sentimento de pavor diante de um erro; do nervosismo antes e após os processos avaliativos e da cobrança para obter sucesso na disciplina. Podemos perceber essas questões nos trechos narrados:

“Tenho muito mais lembranças negativas das vivências/aulas de matemática. Aulas de matemática sempre envolveram um clima de terror e dificuldade. Eu não compreendia o conteúdo e achava torturante ter de decorar”. (E2)

“Sempre tive dificuldade em contar e na maioria das vezes ficava nervosa para realizar provas e trabalhos”. (E4)

“Sempre que as professoras me pediam para ir ao quadro eu ficava nervosa e precisava de ajuda. Já consegui resolver uma vez, mas demorei muito”. (E12)

Na ação de pensar estratégias insubordinadas para essas situações que os estudantes vivenciaram, eles relataram alguns elementos importantes para a prática pedagógica, como: o olhar atento e cuidadoso para com o estudante; a busca por entender o contexto de vida do aluno; a avaliação como um processo contínuo e formativo e a preocupação com o bem-estar emocional dos alunos.

Diante dessas propostas dos acadêmicos, percebemos o olhar insubordinado para a prática pedagógica. Para contribuir na formação de estudantes éticos e solidários o professor precisa ultrapassar a mera transmissão de conteúdo e, ir além, escutando de uma maneira atenta e sensível o aluno; para entender os seus contextos, assim considerando o desenvolvimento intelectual e emocional deles no processo educativo (D'AMBROSIO; LOPES, 2015). Para isso, "as instituições educacionais precisam estar alertas para a importância de permitir aos estudantes atingirem o sucesso, ao invés de sinalizar os seus “fracassos” (D'AMBROSIO; LOPES, 2014, p. 99).

Nesse sentido, professoras e professores precisam ter um olhar crítico para a BNCC na intenção de se apropriar daquilo que está explícito no documento e que venha ao encontro das

necessidades e anseios de crianças e alunos da Educação Básica, promovendo o seu desenvolvimento global, nas suas múltiplas dimensões, sendo elas, cognitiva, emocional, física, afetiva, assumindo assim “uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem” (BRASIL, 2017, p. 14), acolhendo-os e reconhecendo-os.

Outro destaque nas memórias dos estudantes foi a falta de didática dos professores, tornando a matemática, para eles, algo sem sentido. Como podemos observar nos seguintes trechos:

“Na 5ª série vivi uma relação de ódio, pois tive uma professora que explicava a matemática de uma maneira que eu não entendia, lembro que nesse ano eu fui muito mal e quase reprovei”. (E3)

“A minha relação com a matemática foi um pouco traumática, eu sempre tirava notas boas, mas não aprendia e nem gostava, apenas decorava para poder fazer a prova e depois esquecia”. (E15)

A partir dessas recordações os estudantes criaram estratégias insubordinadas que apresentaram destaques para a utilização de diferentes metodologias de ensino, principalmente adequando elas ao ritmo de aprendizagem de cada criança; articulação dos conhecimentos matemáticos com a realidade dos estudantes; uso da ludicidade nas aulas de matemática; novas formas de organização dos espaços da sala, principalmente o trabalho colaborativo entre os estudantes e novos ambientes de aprendizagem além da sala de aula.

A atitude de buscar novas práticas, metodologias e diferentes espaços de aprendizagem expressa o comprometimento do docente com a aprendizagem dos estudantes. Nesse sentido, o professor exerce a profissão tendo como base princípios éticos na busca de garantir o direito de aprender das crianças e dos alunos (D’AMBROSIO; LOPES, 2015).

Mais uma vez, compete a professoras e professores lançar mão do que está posto na BNCC e fazer valer na prática, traduzindo em ações “a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo” (BRASIL, 2017, p. 15) de crianças e alunos no seu desenvolvimento, rompendo assim com a padronização da prática pedagógica e a educação bancária, tão combatida por Freire.

Por fim, os estudantes trouxeram nas suas memórias, a valorização, por parte dos professores que ensinavam matemática, daqueles alunos que se destacavam tirando as melhores notas, e a falta de empatia e excesso de rigidez na prática docente. Percebemos esses aspectos nos seguintes excertos:

“O sentimento negativo em relação ao ensino tem mais a ver com a exclusão das possibilidades de aprendizagem dos alunos, no caso da escola em que eu estudei era a voz dos alunos nota 10 que se destacava”. (E6)

“Em um dos dias que a minha professora precisou ser substituída foi muito traumático pela falta de didática e afeto por parte da nova professora”. (E11).

“Meus professores de matemática sempre foram rígidos e muito tradicionais. Nunca gostei da matemática e tive dificuldade, então acredito que os professores não auxiliavam nisso”. (E13)

Com base nessas memórias os estudantes desenvolveram ações de insubordinação criativa que tiveram como objetivo o acolhimento e a escuta atenta das crianças e dos alunos, por meio de uma prática que valoriza o diálogo e a observação do professor, e não tendo como foco apenas os “melhores” estudantes. Para D’Ambrosio e Lopes (2014, p. 80) “se o professor for subversivamente responsável, sempre optará por dar voz e ouvir os alunos, com uma atitude ética e comprometida com a realização plena desse indivíduo”.

Uma vez que a BNCC está orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, conforme está fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, há que se empreender um olhar atento para crianças e alunos, a escuta hermenêutica e o reconhecimento da inteireza de cada um deles, seres complexos e de múltiplas dimensões, que não podem e não devem ser definidos apenas pela dimensão cognitiva.

Considerações finais

O uso de narrativas na formação inicial de professores contribui no processo de profissionalização, uma vez que, permite uma análise dos elementos constituintes da identidade profissional. A reflexão da prática docente, por meio das memórias dos estudantes, foi um movimento que possibilitou uma avaliação das futuras ações pedagógicas.

As aulas de Matemática vivenciadas pelos acadêmicos na Educação Básica, em sua maioria, foram momentos negativos. Os estudantes trouxeram os fatos narrados de suas experiências e a percepção do quanto é necessário mudar a forma de ensinar Matemática.

A Insubordinação Criativa, termo desconhecido pelos estudantes, ampliou o olhar deles diante das novas maneiras de pensar e agir na prática pedagógica. Na construção do conhecimento Matemático, perceberam as possibilidades de uma prática pedagógica participativa, afetiva e emancipatória.

Em relação à BNCC, evidenciaram a postura crítica que os professores precisam ter diante do documento, no sentido de um olhar atento e cuidadoso, de modo que este não seja um instrumento de formatação da prática docente, nem de limitação das possibilidades de desenvolvimento de crianças e alunos da Educação Básica. Por fim, destacamos que nas estratégias insubordinadas criadas pelos acadêmicos ficou evidente, que a principal preocupação foi com o desenvolvimento e aprendizagem das crianças e alunos, assim sendo, sementes de insubordinação criativa foram plantadas nesses futuros pedagogos, futuros professores que ensinam (ensinarão) Matemática.

Referências

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: **Porto Editora**, 1994.

BOLÍVAR BOTÍA, A. “De Nobis Ipsi Silemus?”: Epistemología de la Investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa. Ensenada (México)**, v. 40, n. 1, p.40-65, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 20 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 14 jun. 2022.

D'AMBROSIO, B. S. A subversão responsável na constituição do educador matemático. In: *Encuentro Colombiano de Matemática Educativa*, 16., 2015, Bogotá. **Memorias del Encuentro Colombiano de Matemática Educativa**. Bogotá, 2015, p. 1- 8.

D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, São Paulo, v. 29, n. 51, p. 1-17, abr. 2015.

D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. *Trajetórias profissionais de educadores matemáticos*. Campinas SP: **Mercado de Letras**, 2014.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2011. 127p.

MELLO, Guiomar Namó de. *Formação inicial de professores para educação básica: uma (re)visão radical*. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 98-110, jan./mar. 2000.

SILVA, V. C. **Narrativas de professoras que ensinam matemática na região de Blumenau (SC): sobre as feiras catarinenses de matemática e as práticas e concepções sobre ensino e aprendizagem de matemática**. 2014. Tese (Doutorado em Educação para Ciência) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2014.